

**Desafios da docência de música na Escola Parque: um estudo de entrevista
com a supervisora do PIBID-Música
Comunicação**

GTE 11 – Ensino de Música nas Escolas de Educação Básica

*Sophia Araújo de Carvalho
Universidade de Brasília (UnB)
sophia.adec@gmail.com*

*Virgínia Marques Klein
Universidade de Brasília (UnB)
E-mail do(a) autor(a)*

*Vitória Bittencourt Ferreira
Universidade de Brasília (UnB)
celistavitoria0@gmail.com*

*Matheus Gabriel Medeiros de Rossi
Universidade de Brasília (UnB)
matheusg201310@gmail.com*

*Daisy Santana Maciel
Universidade de Brasília (UnB)
daisy.santanam@gmail.com*

*Edna Maria de Miranda
Universidade de Brasília (UnB)
dindamiranda@yahoo.com*

*Plínio Carvalho
Universidade de Brasília (UnB)
plinniocarvalho@gmail.com*

Resumo: Este trabalho elenca os desafios da docência de música na Escola Parque (EP) 210/211 Norte, situada em Brasília/DF. O foco reside na narrativa da professora-supervisora dos pibidianos de música da Universidade de Brasília (UnB). Mediante a revisão de literatura de publicações sobre a EP, os desafios elencados pela professora foram articulados com os relatos e pesquisas de outros autores e profissionais dessas escolas. A metodologia utilizada foi a de estudo de entrevista. A análise de suas falas evidenciou uma situação de vulnerabilidade que permeia a prática pedagógica dos professores da rede pública. A partir

disso, esse artigo propõe uma reflexão das condições enfrentadas por profissionais da educação e seus resultados mostram a necessidade de um debate contínuo sobre a formação docente, valorizando a empatia e o engajamento de professores formadores, supervisores e pibidianos com as complexidades que o ambiente escolar apresenta.

Palavras-chave: PIBID-Música; Escola Parque; Desafios da docência de música.

Introdução

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) de Música da Universidade de Brasília (UnB), tem, na edição atual, vinte e quatro estudantes distribuídos em três escolas distintas. Este grupo, da Escola Parque (EP) 210/211 Norte, é constituído por oito licenciandos em música.

O PIBID, desenvolvido e estruturado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) é, segundo o Ministério da Educação (MEC, 2018), “um programa com o objetivo de antecipar o vínculo do graduando de licenciatura com as salas de aula de nível básico de ensino na rede pública, estabelecendo uma ponte entre a universidade pública e as redes estaduais e municipais de ensino” (Melo, Lyra, 2020, p. 136). Durante o período de atividades, atualmente o graduando possui a oportunidade de experimentar por vinte e quatro meses “o cotidiano das salas de aula e desenvolver projetos em sua escola de atuação, buscando formas criativas de abordar as problemáticas observadas no dia a dia da escola” (Melo, Lyra, 2020, p. 137). O graduando pode experimentar durante o programa, segundo Melo e Lyra (2020, p. 137), “a relação direta com alunos e professores da educação básica”, assim como estar “em contato com os sujeitos da escola, adquirindo ao longo de seu trabalho no programa habilidades de criação de projetos e propostas para a sala de aula” e “a capacidade de observação, a compreensão do contexto social da comunidade escolar, de orientação e investigação da prática educativa”, questões significativas para a formação de qualquer professor.

A partir disso, este trabalho busca compartilhar a experiência de um grupo de pibidianos graduandos em Licenciatura em Música da UnB e suas vivências na EP 210/211 Norte. Ao tratar da experiência vivida nesse contexto escolar, optou-se pela construção de uma pesquisa com foco na formação de professores. Como futuros educadores neste contexto, instiga-nos a saber: o que é ser docente de música em escolas de educação básica?

A professora Maria, professora-supervisora do grupo da EP 210/211 Norte, possui mais de vinte e cinco anos de atuação profissional, assim como experiências prévias com o PIBID, uma vez que ocupou esse mesmo cargo em edições anteriores. Portanto, decidiu-se realizar uma entrevista com a referida professora sobre os desafios da docência de música na EP a fim de compreendê-los melhor. Para tanto, tomamos como objetivo geral compreender, na visão da professora-supervisora, os desafios da docência de música. Como objetivos específicos, estabelecemos: apresentar os seus projetos musicais escolares, evidenciar sua metodologia e didática de ensino, assim como conhecer as necessidades de aprendizagem musical dos alunos.

Para que o estudo pudesse alcançar maior consistência, realizou-se um levantamento da literatura sobre as Escolas Parque de Brasília. Após esta seleção, os participantes se dividiram para efetuar as leituras e seus respectivos fichamentos, contemplando as temáticas e as proposições das pesquisas analisadas.

Escola Parque

De acordo com os dados oficiais da Secretária de Educação do Distrito Federal (SEEDF, 2019) a EP representa um modelo educacional que procura promover o acesso ao conhecimento e à cultura em adição à inclusão do currículo básico. De forma geral, elas “ofertam Arte e Educação Física, podendo incluir também outros componentes curriculares, como projetos de promoção à saúde, de formação pessoal e social” (SEEDF, 2019). É importante esclarecer que a EP integra um conjunto de escolas denominadas “Escolas de Natureza Especial”, unidades escolares “com tipologias de atendimento diferenciadas, que oferecem espaço, tempo e oportunidades formativas com metodologias de ensino específicas e aprofundamento curricular” (SEEDF, 2019), buscando o desenvolvimento integral de seus estudantes.

O idealizador do modelo pedagógico, Anísio Teixeira, tinha como objetivo a formação escolar em seu sentido amplo e inaugurou o primeiro desse tipo de centro educacional em Salvador, Bahia. As EPs foram idealizadas em conjunto com as Escolas Classe (EC), que seguem o método tradicional de ensino, e possuem, atualmente, como eixo principal a educação integral com oito horas diárias no total (quatro horas em cada escola) (SEEDF, 2020).

Anteriormente, porém, os alunos não frequentavam as EPs no contraturno diariamente. As EPs acolhem alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, organizando-os em turmas fixas que respeitam a seriação e a composição das turmas das ECs.

Atualmente, no Distrito Federal, existem diversas unidades da EP: cinco unidades no Plano Piloto, sendo três delas na Asa Sul e duas na Asa Norte; a Escola Parque da Natureza de Brazlândia (EPAR da Natureza de Brazlândia); a Escola Parque Anísio Teixeira (EPAT) e a Escola Parque da Natureza e do Esporte do Núcleo Bandeirante (EPAR da Natureza e do Esporte).

Estado da Arte

Para o desenvolvimento desse artigo foi realizada uma revisão bibliográfica de literatura do tipo “estado da arte”, buscando entender o que já foi produzido e o que se aborda atualmente sobre as aulas de música nas EPs de Brasília. De acordo com Cavalcante e de Oliveira (2020, p. 86), esse método se utiliza da expressão “estado da arte” como um “indicativo da amplitude da busca de documentos sobre determinado assunto específico”. Esse tipo de revisão tem como objetivo “mapear e discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados” e são reconhecidas por “realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar” (Ferreira, 2002, p. 58 apud Cavalcante; de Oliveira, 2020, p. 86).

A partir disso, por meio dos descritores “Escola Parque” E “Música”, buscamos publicações nos Periódicos da CAPES, nos Anais da ANPPOM e no Repositório da UnB. Foram obtidos um total de doze resultados e, a partir deles, quatro trabalhos foram selecionados, todos publicados entre 2015 e 2025.

Quadro 1: Resultados das buscas nas bases de dados.

Autor	Título	Ano
FIGUEIROA, Arthur de Souza; DE ABREU, Delmary Vasconcelos	Construção de laços pelas experiências com as Escolas Parque de Brasília: a história de vida de duas professoras de música	2017
FIGUEIROA, Arthur de Souza; DE ABREU, Delmary Vasconcelos	A história de vida de duas professoras de música das Escolas Parque de Brasília: construção de laço pelas experiências	2022
MARQUES, Olívia Augusta Benevides; DE ABREU, Delmary Vasconcelos	Pequenos enredos nas Escolas Parque: o que contam as crianças sobre a aula de música	2018
MARQUES, Olívia Augusta Benevides	Música na Escola Parque é para ser divertida: um recorte de processo de análise de uma pesquisa em andamento com alunos dos anos iniciais	2016
FERREIRA, Alessandro Correa	Documentação narrativa com quatro professores da Escola Parque	2019

A pesquisa de Figueirôa (2017), investiga as histórias de vida de duas professoras de música das EPs de Brasília, buscando compreender como constroem laços com a escola básica. A metodologia adotada é a pesquisa (auto)biográfica, com entrevistas narrativas como fonte principal. A análise mostra que as professoras assumem autoria de suas trajetórias,

ressignificando suas experiências e revelando vínculos construídos por meio da formação musical, práticas de vida e contexto escolar. Os referenciais teóricos sustentam a ideia do sujeito como protagonista de sua própria formação. Conclui-se que o processo narrativo é um dispositivo formativo essencial na constituição da identidade docente, e desta maneira, contribuiu para a leitura da trajetória da professora Maria no contexto dos desafios da docência destacados pela professora na entrevista.

Já a dissertação e pesquisa de Ferreira (2019) abordam as práticas pedagógicomusicais e os saberes docentes de professores de Música, com foco sobre quatro profissionais que atuavam e/ou atuam na EP de Brasília (Ferreira, 2019, p. 25). Seu objetivo foi a produção de uma Documentação Narrativa com esses professores, elaborando relatos de experiência com os quatro profissionais coparticipantes, desenvolvendo materiais pedagógico-musicais oriundos de práticas docentes e compreendendo como os professores de Música constroem as suas práticas pedagógico-musicais dentro das EPs (Ferreira, 2019, p. 25). A partir do que foi exposto em sua dissertação, diversos paralelos foram traçados entre as falas dos profissionais pesquisados por Ferreira e as falas da professora Maria, nos permitindo uma maior e melhor compreensão acerca dos desafios da docência de música na EP que procuramos expor neste artigo.

Por fim, a pesquisa de Marques (2016) investiga como crianças do 5º ano veem as aulas de música nas cinco EPs do Plano Piloto, com base na Sociologia da Infância e nos ideais de Anísio Teixeira. Utilizando da metodologia (auto)biográfica e de rodas de conversas, a autora busca compreender que tipo de escola e educação musical as crianças desejam, chegando à conclusão da necessidade de uma educação divertida, acolhedora e formadora de valores. As narrativas infantis revelam sentidos para uma educação musical centrada no sujeito e nos processos criativos, contribuindo para novos olhares sobre o espaço escolar e a escuta infantil.

Entrevista e Metodologia

Para esta pesquisa de caráter qualitativo utilizamos o estudo de entrevista a partir da análise de uma “entrevista semiestruturada” (Silva et al, 2021, p. 119) realizada com a professora Maria por uma das pibidianas do grupo da EP 210/211 Norte. A entrevista durou, como previsto, cerca de uma hora e um roteiro de perguntas formulado pelos pibidianos foi

enviado para a professora antes do encontro. As perguntas foram formuladas de maneira mais flexível a fim de “permitir que o sujeito discorra e verbalize seus pensamentos, tendências e reflexões sobre os temas apresentados” (Silva et al, 2021, p. 119). Desta forma, segundo Silva et al (2021, p. 119) “o questionamento é mais profundo e, também, mais subjetivo, levando ambos a um relacionamento recíproco, muitas vezes, de confiabilidade”, permitindo uma maior interação do pesquisador com o participante e, a partir disso, a coleta de mais detalhes acerca do fenômeno educativo investigado.

Seguindo o modelo de uma entrevista semiestruturada, as questões seguiram uma sequência ditada pelo sujeito e pela dinâmica natural da conversa. A escolha do modelo se deu justamente pela busca de uma entrevista que fornecesse mais detalhes acerca do fenômeno educativo em investigação, uma vez que nós, pesquisadores, tivemos mais interação com a participante.

A entrevista foi gravada e uma transcrição foi posteriormente realizada, uma vez que “Sem esse mecanismo, não poderíamos realizar inferências sobre como as pessoas falam [...] e constroem suas identidades, lidam com relações de poder etc.” (Silva et al., 2021, p. 117). A partir da conversa realizada com a professora Maria, os seguintes desafios foram elencados como os principais a serem expostos nesse artigo: a adaptação à diferentes dinâmicas de aprendizado requeridas em sala, a criatividade necessária para a superação da carência de recursos, a gestão da diversidade de necessidades dos alunos e, por fim, o desenvolvimento integral do aluno na Rede Integradora¹ do DF.

Desafios da docência de Música

Neste tópico apresentaremos as narrativas da professora Maria buscando refletir, juntamente da literatura, como os desafios da docência de música são considerados e abordados. Com base na experiência de 25 anos de atuação na EP 210/211 Norte, a professora Maria reflete sobre a complexidade e a variedade dos desafios para o ensino de música.

Dentre os desafios abordados, a integralização do ensino foi um ponto central gerador de novos desafios. Em um ambiente cujo modelo de ensino se altera de tempo integral para

¹ A Rede Integradora da Educação Integral da Coordenação Regional de Ensino de Plano Piloto (CRE) corresponde ao atendimento a 100% dos estudantes de um dos turnos escolares da EC, em parceria com a EP.

contraturno escolar da Rede Integradora, a carência de canais efetivos de diálogo entre gestores e professores das ECs e EPs reduz a troca de informações a situações pontuais. Em um encontro com os pibidianos, o vice-diretor da EP 210/211 Norte, professor Leandro, abordou como desafio o propósito do desenvolvimento integral do estudante “[...] Temos esse movimento com a Secretaria, já pedimos que fosse institucionalizado um dia de encontro da Rede Integradora [...] falando sobre os estudantes”. A professora Maria critica a mudança, pois na avaliação dela:

A Escola Parque perdeu a identidade dela dentro da integral. E perdeu mesmo. Por que o que que a gente vê hoje? Ninguém está preocupado se você vai ter aula de música, se você está aprendendo. O problema é colocar o menino dentro da escola. Para quê? Para que os pais possam trabalhar. [...] A Escola Parque, ficou como se fosse uma brincadeira. [...] Então, na cabeça do aluno ficou que a Escola Parque é o parque para se divertir. E não é assim.

Na dissertação de Ferreira (2019), a professora Cláudia Nunes, em seu relato de experiência, compartilha visões que corroboram a fala de Maria:

Em 2017, as Escolas Parque de Brasília foram submetidas a uma transição súbita para a escola em tempo integral. Essa transição ocorreu de forma traumática, pois foi realizada repentinamente sem discussão com a comunidade. Cerca de 8 mil alunos deixaram de ser atendidos pelas 5 Escolas Parques do Plano Piloto. Entretanto, os 2.400 alunos que obtiveram atendimento foram beneficiados quanto à quantidade de horas aulas no contraturno. Um aluno de música na Escola Parque hoje é atendido 4 vezes por semana, totalizando 240 minutos. No modelo antigo, recebia atendimento uma vez por semana durante 65 minutos. A escola em tempo integral, em 2017, possibilitou ampliar a carga horária de cada disciplina artística, contudo, adaptações precisaram ocorrer inclusive sem o devido planejamento pedagógico prévio.” (Ferreira, 2019, p. 120).

A professora lembra que no projeto de criação das EP, o educador Anísio Teixeira “propôs a criação de educação integral para que pudesse oferecer educação de qualidade para todas as crianças e adolescentes” (Ferreira, 2019, p. 120) . Além disso, segundo Maria, antes da Escola Parque ser submetida à mudança para o regime integral, a escola possuía uma identidade e uma independência maior para reger processos como os de avaliação de seus alunos:

Naquela época, a gente tinha, assim, o que dar nota, avaliava eles. Então, a gente tinha nota mesmo. Por exemplo, o aluno foi bom, foi ótimo, foi regular.

Então, não era assim você tirou 10, tirou ou não. Era bom, regular, ótimo. E a gente avaliava isso. [...] Toda a aula eles eram avaliados. Então, era continuada essa avaliação. Tudo que eles faziam, apresentou, era avaliado, tocou direitinho, não conseguiu tocar, ah, o aluno tem dificuldade, mas dentro da limitação dele, a gente os avaliava. Então, era dessa forma.

Atualmente, a professora relata que os processos avaliativos estão centralizados na EC:

O que aconteceu dentro do integral é que a avaliação mudou. Eu não tenho mais como avaliar o aluno. Eu avalio para mim. Dentro da minha aula, dentro da minha sala, eu avalio para mim. Mas para a Secretaria de Educação, o que importa é que o aluno está aqui dentro. A quantidade de faltas que ele tem [...] A nossa avaliação, ela sai daqui e vai para a escola classe. E quem dá a avaliação geral, quem diz que o aluno vai ficar aprovado ou não é a Escola Classe. A gente não tem mais esse poder. Entende? [...] A avaliação dele vai ser atividade concluída, atividade iniciada, atividade em andamento e atividade que o aluno não fez nada. [...] A gente já teve aluno que ficou reprovado na Escola Parque por causa da quantidade de faltas? Sim, mas é porque também estava faltando lá. Não foi porque a Escola Parque chegou e falou, não, ele não tem condições de passar.

Além disso, a gestão de turmas numerosas é uma realidade que exige habilidades de organização e controle, assim como estratégias criativas para manter o engajamento dos alunos. A adaptabilidade parece ser um termo que exige um investimento em formação, muitas vezes com recursos próprios. É fundamental alinhar o ensino às preferências musicais e rítmicas dos alunos, com metodologias lúdicas e inclusivas, como destaca Maria:

Então, assim, dentro daqui da música, a gente vai trabalhar muito na forma lúdica. Eu gosto que as minhas aulas sejam lúdicas. Mas o quê? A música de forma lúdica para as crianças. Como assim? Com jogos musicais, brincadeiras musicais, né? A gente faz atividade dos copos aqui, eles acompanham a música com aquela atividade. Eu gosto que o aluno experimente, através dos jogos, das brincadeiras. Eu sempre pesquiso. Eu comecei a trabalhar Amarelinha Africana com isso, porque é mais trabalhando dentro do ritmo da música.

Marques (2016) relata as dificuldades consequentes da particularidade do ensino na EP, projetada para ser ocupada por um corpo docente de “mestres especializados nas áreas de música, artes, desenho, artes industriais e domésticas, educação física e saúde” (Teixeira, 1997 apud Benevides, 2016, p. 21):

Sob esse ideal as EPs foram estruturadas, mas, como exceção, trouxe particularidades para o ensino. Ou seja, assim como o pedagogo alega que não tem formação específica e, por isso, não abarca o ensino da música nas suas aulas, da mesma maneira, os professores licenciados em música têm a mesma dificuldade e buscam na formação continuada caminhos para suprir o *déficit* da sua formação para os anos iniciais. (Marques, 2016, p. 21)

Em suas observações, a professora Maria também cita contribuições trazidas de leituras e cursos usando técnicas de autores como Cecília Cavaliere França, Teca Alencar de Brito e Isabel Montandon, "Estou sempre procurando me desenvolver". Maria relata soluções alternativas que evidenciam a importância de formar educadores criativos para garantir o ensino musical mediante parcerias: "no PIBID de 2023, tinha um estudante que tocava cavaquinho e tinha uma banda, um outro era percussionista e outro baterista e eles toparam ajudar fazendo uma oficina de percussão". A professora conta que esses pibidianos "ensinaram os meninos a tocar pandeiro, bumbo, caixa e encerramos o projeto do PIBID com a apresentação dos meninos". Essa dificuldade e necessidade de ir ao encontro do aluno é apontada também por Marques (2016), ao relatar o quão fundamental é ouvir e considerar "que a escuta das vozes da criança possibilita outros caminhos pedagógicos" (Heinkel apud Marques, 2016, p. 25).

Em outros momentos com a parceria da Associação de Pais, Maria conta que a execução dos projetos pela EP se consolida pelo encontro de experiências e aprendizados colaborativos e, não raro, de parcerias externas "Quando a gente começou o projeto do samba na escola, a gente conseguiu trazer a bateria dos acadêmicos da Asa Norte, [...] com essa oficina de percussão eles se interessaram. Eles tocaram, ofereceram a oficina e ensinaram". Marques (2016) constata que, para as crianças, as aulas de música na EP são e devem ser divertidas, sendo uma aula que "causa alegria, prazer e paixão às crianças" (Marques, 2016, p. 78). Esse processo, segundo os próprios alunos, se dá pela diferença da aula de música quando comparada com outras áreas do conhecimento: "é divertido porque você aprende a tocar novas coisas, se perder no meio da música para você não ter vergonha de ficar no palco" (Fala de Magali1; Marques, 2016, p. 78).

Além das qualificações e habilidades práticas e teóricas do ensino em música que um estudante deve cultivar, a gestão da rotina em sala com atenção para as necessidades

específicas dos estudantes soma-se aos desafios diários. Nesse aspecto, a professora Maria diz:

A gente tem a sala de recurso, que não é sala de recurso, é a sala do serviço para os alunos. A gente tem uma pedagoga lá e tem uma orientadora educacional. Só que para a quantidade de meninos, duas pessoas é pouquíssimo. Então, o que elas fazem? Quem tem diagnóstico, que está diagnosticado e tudo, elas atendem. Mas aqui dentro da sala de aula, eles não têm uma pessoa para acompanhar. Porque diante da limitação dele, é necessário ou não é. Os que não tem diagnóstico, a gente encaminha para a Juliana, que é pedagoga. Ela chama os pais, conversa e encaminha para fazer o diagnóstico.

A professora Claudia Nunes, colaboradora da pesquisa de Ferreira (2019), compartilha experiências similares, indicando a falta de ferramentas e estratégias por parte do professor para lidar com a inclusão dos mais diversos alunos:

Quando entrei na SEEDF, tive um choque de realidade ao perceber que a escola não me daria o suporte ou orientação necessária sobre os processos de inclusão de alunos com necessidades especiais, sobre a forma como lidar com o leque de transtornos mentais do corpo discente, sobre como proceder em casos graves de indisciplina. O professor novato é introduzido nas salas de aula sem nenhum tipo de esclarecimento por parte da direção das escolas ou das regionais de ensino sobre a condução das aulas, os desafios disciplinares a serem enfrentados etc. Os próprios professores vão descobrindo, empiricamente, no cotidiano, o quadro real que se apresenta (Ferreira, 2019, p. 120).

Para Figueirôa (2022, p. 14 a 16), “A escola se faz com currículos, com projetos, mas principalmente, com vida de professores e de alunos e com aquilo que eles enxergam, vivem, experienciam e passam a se constituir”. Essas experiências são trazidas das vidas de professores para, assim, enriquecer a prática artística e musical dos estudantes.

A professora Maria disse que “o projeto Carimbó Candango é a materialização desse encontro de vidas”. Maria clarifica esta conexão com o Carimbó associado aos saberes musicais: “Tive a oportunidade de conhecer e vivenciar a dança do carimbó na cidade de Belém do Pará, onde residi por sete anos [...] experiências gratificantes e que ao longo desses cinco anos foram reeditadas por diferentes grupos de alunos”. O projeto passou a fazer parte do Projeto Político Pedagógico (PPP) EP 210/211 Norte (SEEDF, 2023, p. 144).

Com base nas colocações de Maria, reflete-se sobre a construção da identidade do professor e como as suas vivências pessoais a permeiam, a moldam e a influenciam. Logo, como nos lembra Abreu (2015):

Nas redes, ocorrem processos de objetivação e subjetivação que são mobilizados pelo conhecimento profissional que vai se acumulando ao longo da profissionalização e criando uma identidade profissional. Nóvoa (2009) aponta que a identidade profissional só é adquirida em lugares em que há práticas concretas de intervenção. Ou seja, é construindo-se dentro da profissão, nas comunidades das práticas, que reforça-se o sentimento de pertença. A identidade profissional contém, em sua gênese, uma forma variável que se comuta e se transforma com o desenvolver das articulações e relações que são estabelecidas com os outros elementos de sua rede (Abreu, 2015, p. 130).

Considerações Finais

Diante de todo o conteúdo apresentado, percebe-se como os desafios da docência de música elencados a partir das falas da professora Maria representam a diversidade dos obstáculos presentes no cotidiano do professor e esclarecem a importância da análise e problematização de tais situações e tantas outras presentes nas variadas realidades educacionais brasileiras. Mediante aquilo que foi conversado com Maria, apreendeu-se algumas fragilidades presentes na docência que articulavam diretamente com as pesquisas referentes à música na EP aqui discutidas.

Um componente que gerou mudanças significativas no dia a dia da EP 210/211 Norte foi a transição para o ensino em tempo integral, repercutindo na geração e/ou acentuação de outras questões pré-existentes, uma conjuntura notável não apenas nas colocações de Maria, como também nas dos sujeitos de pesquisa de Ferreira (2019). A falta de recursos para a inclusão dos alunos em suas mais diversas necessidades educacionais, emocionais e sociais foram intensificadas, assim como a gestão de turmas maiores.

Para os pibidianos e, segundo os relatos da professora Maria e de outros profissionais citados por meio da pesquisa de Ferreira (2019), a integralização oferece o ponto positivo de um ensino musical mais extenso e regular para os alunos que permaneceram recebendo os atendimentos da EP, mas esse é dificultado pelo cansaço dos alunos devido à jornada cotidiana extensa na educação regular. A partir disso, torna-se claro os desafios que o futuro professor da SEEDF irá enfrentar, seja pela presença de aulas de música diárias, de duração mais curta e,

muitas vezes, com escassez de materiais, colocando o professor em uma situação de vulnerabilidade e improviso.

Ainda que nem tudo seja perceptível para nós pibidianos, a partir disso, percebe-se a importância de uma graduação consciente e em contato com a realidade da educação musical no ensino regular para um melhor preparo do professor em formação. Espera-se, por fim, que os pontos abordados neste trabalho incentivem uma reflexão e uma mudança positiva na vivência dos alunos e professores das EPs.

Referências

CAVALCANTE, Lívia Teixeira Canuto; de OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto. MÉTODOS DE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA NOS ESTUDOS CIENTÍFICOS. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 83-102, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.pucminas.br/psicologiaemrevista/article/view/12005/18070>>. Acesso em 1 jul 2025.

CORREA, Alessandro Ferreira. *DOCUMENTAÇÃO NARRATIVA COM QUATRO PROFESSORES DE MÚSICA DAS ESCOLAS PARQUE DO DISTRITO FEDERAL*. Dissertação (Mestrado em Artes - Música), Universidade de Brasília, 2018.

FIGUEIRÔA, Arthur de Souza. A história de vida de duas professoras de música das Escolas Parque de Brasília: construção de laço pelas experiências. *ORFEU*, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 2-16, 2022. Disponível em: <<https://revistas.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/20898/14323>>. Acesso em: 20 mai 2025.

FIGUEIRÔA, Arthur de Souza. *Construção de laços pelas experiências com as Escolas Parque de Brasília: a história de vida de duas professoras de música*. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade de Brasília, Brasília, 2023.

GOMES, Herique. *Brasília celebra 60 anos da sua primeira escola parque, conceito pedagógico embasado na integração*, 31/12/2020. Disponível em: <<https://noticias.unb.br/ensino/4656-brasilia-celebra-60-anos-da-sua-primeira-escolaparque-proposta-embasada-na-integracao-como-conceito-pedagogico>>. Acesso em: 7 jun 2025.

MARQUES, Olívia Augusta Benevides. *Pequenos enredos nas Escolas Parque de Brasília: o que contam as crianças sobre a aula de música*. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

MELO, Natali; LYRA, Keila Alves P. A importância do PIBID e do PIBIC: uma reflexão sobre programas de formação docente. *Iniciação Científica CESUMAR*, v. 22, n. 1, p. 133-139, 2020. Disponível em:

<<https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/icesumar/article/view/7987/6310>>.

Acesso em: 1 jul 2025.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL (SEEDF). *Escolas de Natureza Especial*, 5/11/2019. Disponível em: <<https://www.educacao.df.gov.br/escolas-de-natureza-especial2/>>. Acesso em: 28 mai 2025.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL (SEEDF). *Escola Parque 210/211 Norte: Projeto Político Pedagógico*. Brasília, 2023. Disponível em:

<https://www.educacao.df.gov.br/wpconteudo/uploads/2021/07/ppp_ep_210_211_norte_plano_piloto-1.pdf>. Acesso em: 15 jun 2025.

SILVA, Lorrane Stéfane; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SALGE, Eliana Helena Corrêa Neves. Entrevista na pesquisa em educação de abordagem qualitativa: algumas considerações teóricas e práticas. *Revista Educação & Formação*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 110–122, 2021. Disponível em:

<<https://revistaprisma.emnuvens.com.br/prisma/article/view/46>>. Acesso em: 21 jun 2025.